



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## TATUANDO TERRITÓRIOS: SOBRE A PRODUÇÃO DAS MARCAS CORPORAIS NO UNIVERSO STRAIGHTEDGE

João Batista de Menezes Bittencourt

Professor do Instituto de Ciências Sociais da  
Universidade Federal de Alagoas.

[jbmbittencourt@yahoo.com.br](mailto:jbmbittencourt@yahoo.com.br)

O aparecimento da tatuagem como marca distintiva entre os segmentos juvenis é um fenômeno recente e possui relação com o surgimento das chamadas *subculturas* (HEBDIGE, 1996) ou *tribos urbanas* (MAFFESOLI, 2006) em meados dos anos 70. Certamente, dentre esses grupos, os punks possuem um lugar de destaque, pois eles foram pioneiros na utilização de tatuagens e outras marcas corporais como subversão estética, expressão de descontentamento com as convenções sociais da aparência física. “Ao inverso de uma afirmação estética, é mais importante traduzir uma dissidência brutal da sociedade londrina e depois britânica” (LE BRETON, 2003, p. 34).

Logo em seguida, nos anos 80, a cultura punk passa por inúmeras transformações, e rapidamente é absorvida pela lógica predatória do consumo, convertendo-se em estilo de vida, sendo acessado por jovens nas mais diversas partes do mundo. É também nesse período que surgem as primeiras lojas especializadas em produtos que permitem o aprimoramento da técnica da tatuagem, bem como a profissionalização de tatuadores, o que supõe uma diminuição do estigma que acompanhava (e ainda acompanha) os adeptos dessa prática.

Nas últimas décadas assistimos a uma expansão dos agrupamentos *juvenis de estilo*, cada um reivindicando para si linguagens, signos e símbolos, buscando marcar sua diferenciação na metrópole. A prática da tatuagem pode ser percebida como um bom exemplo para compreendermos esses processos de diferenciação perseguidos pelos jovens em contexto urbano, pois, ela pode expressar, dentre outras coisas, visões de mundo e posicionamentos políticos que definem o lugar que estes ocupam, bem como a alteridade que pretendem confrontar. Porém, interpretar a escolha dos



símbolos utilizados por esses grupos não é uma tarefa tão simples como se imagina, situação que pude vivenciar quando me propus a compreender a relação dos *straightedges* de São Paulo com as imagens que estampam os seus corpos.

Os *straightedges* surgiram em meados dos anos 80 na costa oeste dos Estados Unidos, na cidade de Washington. Originários do movimento *punk* local, eles apareceram como oposição à atitude “niilista” que caracterizava o estilo de vida de inúmeros jovens pertencentes ao referido movimento, que incluía no seu repertório o consumo abusivo de drogas (lícitas e ilícitas), e um forte apelo à violência e à autodestruição. Nesse período, os jovens moradores da cidade, menores de 18 anos, eram proibidos de freqüentar os espaços destinados a shows de bandas *punks*, tendo em vista o exagerado consumo de álcool nesses locais. Diante desse quadro, alguns jovens decidiram se posicionar em relação a essa norma, pois não concordavam com o fato da proibição, já que eles não consumiam álcool ou qualquer outra substância entorpecente. Pelo contrário, partilhavam a idéia de que as drogas somente traziam “coisas ruins” aos indivíduos. Surgia nesse momento o embrião da filosofia de vida<sup>1</sup> *straightedge*. O famoso lema *Do it yourself!* (Faça você mesmo!), que para os *punks* tradicionais significava poder agir conforme sua liberdade os permitisse, ganha uma tradução diferente na fala dos *straightedges*, o *faça-você-mesmo* seria traduzido por um “autocontrole” dos indivíduos em relação ao seu corpo, mente e atitudes.

É difícil descrever com precisão quando e como o estilo de vida<sup>2</sup> *straightedge* chegou ao Brasil, e mais especificamente, em São Paulo. Os adeptos mais antigos afirmam que isso se deu no início dos anos 90, período que coincidiu com a difusão da Internet nos lares brasileiros. Além Internet, outros meios de divulgação, como revistas e CDs de músicas, também são apontados como os responsáveis pela popularização da filosofia de vida. Um fato marcante descrito por um dos

---

<sup>1</sup> É importante salientar que a idéia de filosofia de vida é difundida pelos próprios membros. Eles rejeitam a idéia de movimento, afirmando que se trata de uma “postura” estritamente individual, uma conduta, uma escolha pessoal dentre inúmeras outras.

<sup>2</sup> Em algumas passagens do texto farei uso da expressão estilo de vida para me referir a postura adotada pelos jovens *straightedges*, porém ela está sendo usada como categoria nativa semelhante à noção de filosofia de vida, que também é bastante utilizada pelos jovens.



entrevistados e que me foi revelado como uma espécie de “divisor de águas”, foi o show da banda norte americana Shelter<sup>3</sup>, que teve grande repercussão em emissoras de rádio e TV's destinadas ao público jovem.

Antes desse evento, o estilo de vida *straightedge* era tido como uma manifestação de gueto presente apenas na pauta de fanzines e informativos produzidos por pequenos coletivos anarquistas. Ao contrário do que muitos podem pensar, as formas de conduta adotadas por muitos jovens *straightedges* no Brasil não são meras reproduções daquelas partilhadas pelos jovens nos Estados Unidos<sup>4</sup>. É possível dizer que as semelhanças ficam restritas as chamadas “regras do movimento”, como o boicote às drogas e a adoção de uma dieta vegetariana; ou mesmo ao que podemos definir como “estética grupal”, que compreende música e vestuário.

No que diz respeito às imagens que os jovens escolhem como expressões de seus posicionamentos, não há muita diferença entre os *straightedges* de São Paulo e àqueles das demais capitais do globo, basta fazer uma consulta rápida na internet para ver que estes jovens se conectam através de imagens semelhantes. Porém, precisamos levar em consideração alguns elementos, para não correremos o risco de construir análises reducionistas sobre as imagens que estes trazem estampadas em seus corpos, dentre os quais, a idéia de que os desenhos corporais resultam dos processos de subjetivação que cada jovem vivencia de maneira singular.

### **Marcas que transbordam**

---

<sup>3</sup> O Shelter é uma banda de hardcore/punk cujos membros são devotos de krishna e adeptos da filosofia de vida *straightedge*.

<sup>4</sup> De acordo com a pesquisa desenvolvida pelo sociólogo norte americano Ross Haenfler (2006) com jovens de Los Angeles, New York e Connecticut, o estilo de vida *straightedge* difundido nos Estados Unidos, possui bastante influência de um movimento que naquele país recebeu o nome de *New Left Middle-Class*, uma espécie de radicalismo, mais orientado por “questões de natureza moral ou humanitária”, que apontam para uma certa herança cristã. No Brasil, mesmo havendo *straightedges* que se autodefinem como cristãos, é possível afirmar que não existe nenhuma influência marcante dessa doutrina na respectiva filosofia de vida. Grande parte dos jovens entrevistados se dizem ateus e discordam do discurso que busca aproximar *straightedge* e cristianismo.



Em um primeiro momento somos capturados pela força das imagens que os jovens exibem em seus corpos, em seguida buscamos a todo custo encontrar um significado secreto por trás destes desenhos, como se através dessa revelação pudéssemos ter acesso a uma faceta da personalidade daqueles indivíduos. De acordo com o psicanalista Joel Birman (2006), a cultura da tatuagem, que hoje se tornou “marca” e “marcador” da juventude contemporânea, se estabelece como tentativa de preenchimento do vazio proporcionado pela invisibilização identitária. Dessa maneira, ao marcar o corpo em busca de visibilidade, o jovem tatua antes de qualquer coisa o desamparo; marcas que exprimem uma condição psíquica fragilizada. Tendo a discordar da argumentação de Birman, primeiro porque, agenciado “com” Deleuze, entendo que ao desejo nada falta, e que ao contrário, o que ele busca incessantemente é mais conexões, e, depois, porque o desamparo, da forma como compreendo, se inscreve no conjunto das paixões tristes, aquelas que diminuem a capacidade de agir e de pensar, algo que, para mim, agora agenciado com Espinosa, tem relação direta com os afetos que atravessam os corpos. O fato de discordar da análise de Birman não está relacionado exclusivamente às argumentações de Espinosa e Deleuze, mas principalmente à experiência que me foi proporcionada pelo convívio com os straightedges. A partir destas relações pude compreender que as marcas corporais expressam o excesso que transborda pelo (no) corpo desses jovens devido aos inúmeros *agenciamentos*<sup>5</sup> que chegam até a eles, que pedem passagem através destes desenhos.

---

<sup>5</sup> “Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos, um de conteúdo, outro de expressão. De um lado ele é **agenciamento maquínico** de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; de outro, **agenciamento coletivo de enunciação**, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas atribuído-se aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem ao mesmo tempo lados territoriais ou reterritorializados, que o estabilizam, e pontas de desterritorialização que o impelem.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995:29.).



Figura 1: Tatuagem guerreiro straightedge

Certamente, muitos pesquisadores que se deparam com esta imagem a relacionam diretamente com uma simbologia da guerra que geralmente é adotada por militares, membros de torcidas organizadas de futebol, e até mesmo participantes de organizações criminosas. É possível que muitos indivíduos que utilizem esse desenho atribuam a ele uma espécie de descrição fiel de seus posicionamentos e crenças, buscando no desenho das metralhadoras a expressão de uma belicosidade que lhe é inerente, porém, não podemos reduzir uma variedade de significados a apenas um. Existem outras possibilidades de interpretação desse desenho, e isso varia de acordo os sentidos que cada um atribui a essa apropriação imagética. No caso do desenho acima, devemos levar em consideração algumas características que muitas vezes passam despercebidas como: o fato das metralhadoras estarem em forma de “X”, o fato delas serem vazadas, o fato delas estarem conectadas ao nome straightedge, o fato de estar sob o peito e não em outra parte do corpo, como também o fato daquele ou daquela jovem gostar de um determinado gênero musical que se conecta a essas imagens, etc. Além dessas características, existem outras não menos importantes que estão relacionadas à estilística do desenho, aos formatos, às cores, às dimensões da figura, todos esses detalhes estão presentes na escolha de uma tatuagem.



Na primeira Verdurada<sup>6</sup> que participei em São Paulo, mais precisamente no dia 16 de março de 2008, conversei com um straightedge sobre tatuagens. Estava tão entusiasmado com as apresentações que não me preocupei em ficar observando as pessoas que estavam em volta. Foi então que no intervalo de um dos shows observei um jovem sentado com um tímido “X” vermelho riscado nas mãos. Resolvi me aproximar para tentar uma conversa, pois notei que ele estava “sozinho” e parecia não conhecer muitas pessoas no local, condição que também era partilhada por mim naquele dia. Fui até onde ele estava e sentei ao seu lado, e para iniciar uma conversa perguntei se ele sabia qual seria a próxima banda que se apresentaria - claro que eu sabia o nome da banda - mas essa foi a primeira pergunta que me veio à mente, e ele me respondeu que não “estava por dentro” da ordem de apresentação das bandas. Para estender a conversa disse a ele que conhecia poucas bandas que se apresentariam naquela noite, pois estava pela primeira vez numa Verdurada e que morava em São Paulo há pouco tempo, na ocasião disse que era cearense e que estava morando em Campinas. Após conversarmos um pouco sobre nossas respectivas cidades, sobre preferências musicais, sobre nossas ocupações, me senti a vontade para pergunta-lhe sobre sua tatuagem, quis saber se o “X” que trazia na mão havia sido resultado de um *branding*<sup>7</sup>. Ele disse que não. Resolveu fazer daquela cor (vermelho bem claro, cor da pele) por medo de não ser aceito em algum emprego mais adiante, acrescentou que existe muito preconceito com pessoas tatuadas, principalmente se forem tatuagens que estejam à amostra. Então perguntei há quanto tempo tinha aquela marca em sua mão, ele me disse que fazia mais de dois anos. Em tom de brincadeira, questionei se ele não tinha medo de se arrepender, caso ele deixasse de “ser” straightedge (se isso for possível). Ele me respondeu com toda convicção: “Isso nunca vai acontecer! Nunca usei nenhuma droga. Nunca bebi, fumei, não gosto nem que fumem perto de mim”.

---

<sup>6</sup> Trata-se de um evento organizado por pessoas envolvidas com a cena *punk/hardcore* da cidade de São Paulo, e seu principal objetivo é divulgar o estilo de vida *straightedge* e o vegetarianismo, por intermédio de uma linguagem que muitos jovens conhecem bem: “a música barulhenta”.

<sup>7</sup> O *branding* é uma técnica de modificação corporal (body modification) que consiste na marcação do corpo por intermédio de um ferro em brasa, que é aquecido pelo tatuador com um maçarico. Esta técnica se assemelha àquela que é utilizada para a marcação do gado nas fazendas, sendo considerada por muitos profissionais como um procedimento doloroso e arriscado.



A partir dessa descrição tive acesso a uma das inúmeras possibilidades de interpretação dos desenhos corporais que os jovens trazem consigo. A tatuagem que ele trazia na parte de fora da mão havia sido planejada levando em consideração a dificuldade que pessoas tatuadas possuem para adentrar no mercado de trabalho, principalmente se os desenhos estiverem localizados em partes do corpo que oferecem uma maior visibilidade, o que supõe uma negociação de sentidos entre o desejo do jovem e uma convenção social. Mesmo correndo o risco de ter diminuída a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho convencional, o jovem decidiu fazer o “X” na mão, não se submetendo a uma regra social vigente, pois além do desejo de marcar o corpo com um desenho específico, está em jogo uma resistência solitária, a tatuagem como estética da dissidência<sup>8</sup>.

Inspirado nas análises de Norbert Elias acerca de sua genealogia dos costumes, e possuindo como recorte o exagerado controle corporal decorrente do processo civilizador, o sociólogo Michael Atkinson (2003; 2006) apresenta uma análise minuciosa dos sentidos que os straightedges canadenses investem em suas tatuagens, mostrando que para muitos desses jovens essa forma específica de modificação corporal é percebida como uma resistência austera às normas sociais impostas ao corpo. *“Straightedge corporeal resistance through tattooing is discursively arranged as a controlled and rationalized form of dissent”*. (2003:215).

---

<sup>8</sup>Para o sociólogo português Vitor Sergio Ferreira (2007) a tatuagem aparece como uma “ética da divergência”, uma marcação estilística pela qual os jovens produzem e deixam reconhecer suas filiações à determinados posicionamentos e o modo como percebem e se relacionam com o mundo.



Figura 2: Tatuagem Poison Free



Figura 3: Tatuagem Drug free  
(Foto por Ana Sartelli)

Outra perspectiva de interpretação que é atribuída à utilização de tatuagens pelos jovens que estão inseridos em agrupamentos juvenis urbanos, é aquela que define a escolha de certas marcas corporais como rito de passagem. Existe uma vasta bibliografia antropológica que atesta a importância das modificações corporais nas sociedades ditas “tradicionais” (Clastres, 2003; Mauss, 2003; Lévi-Strauss, 2000; Seeger, 1980), mas não apenas, há também antropólogos e sociólogos que se dedicam à compreensão dessas mutações em nossos dias, nas chamadas “sociedades complexas” (Atkinsons, 2003; Le Breton, 2003; Ferreira, 2006). No caso dos straightedges, é possível que muitos jovens encarem a inscrição de insígnias sobre o corpo como uma espécie de rito de passagem, porém, trata-se de um rito profano que não é mediado pela esfera do sagrado e não possui relação com o funcionamento de uma ordem social. Diversos interesses podem estar em jogo no investimento dessa ação ritual, desde a possibilidade deste jovem se reconhecer e ser reconhecido como membro de um grupo, até a busca por um prazer sensorial extraído do processo de inscrição corporal. Conforme já expus anteriormente, é comum nos shows de bandas straightedges, muitos iniciados marcarem suas mãos com um “X” utilizando um pincel. Apesar de não ser uma tatuagem permanente, muitos jovens encaram essa

marcação ritual com a mesma seriedade que teriam caso resolvessem tatuar o símbolo de maneira definitiva.

### **Territórios subjetivos, territórios corporais**

Na contramão das análises que pensam a prática da tatuagem sob o ponto de vista da representação<sup>9</sup>, ou seja, percebendo a mesma como meras ilustrações que podem vir a demarcar territórios; sugerimos uma abordagem que pensa a produção das marcas corporais como resultado de cristalizações subjetivas. Sob essa ótica, não são as marcas corporais que determinam os territórios, e sim, os territórios que as determinam. Para evitar mal-entendidos devemos indicar que o conceito de *território* ao qual nos referimos não se assemelha – ao menos diretamente – com aquele desenvolvido pela disciplina geográfica em seu caráter mais tradicional, à saber, relacionado ao espaço físico; e sim, à segmentações que se formam através do bloqueio dos fluxos subjetivos.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 388).

Desse modo, compreendemos as tatuagens exibidas pelos jovens straightedges como *códigos territoriais*, ou seja, inscrições na pele de algo que se inscreve subjetivamente. Assim, as marcas corporais não expressam apenas os valores defendidos pelos jovens, mas principalmente, o grau de *territorialização* e

---

<sup>9</sup> As análises fundamentadas sob o paradigma da representação se baseiam numa espécie de objetificação da presença, e não se interrogam a respeito do fundamento ontológico que se expressam na realização dos atos. Seria uma atitude radical, por exemplo, afirmar que as ciências sociais continuam aprisionadas ao paradigma positivista, desconsiderando as alternativas metodológicas que foram desenvolvidas nas últimas décadas, visando uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado. Porém, penso que grande parte delas foi desenvolvida levando em consideração exclusivamente o registro do *ôntico*, ou seja, um decalque daquilo que compreendemos como realidade social.

*desterritorialização* que essas subjetividades<sup>10</sup> experimentam. Ou seja, ao invés de interpretar, de traduzir as imagens, nos perguntarmos das condições de possibilidade que fazem emergir essas estruturas de sentido.

Apesar de parecer homogêneo, o estilo de vida *straightedge* é vivenciado pelos jovens de diversas maneiras, o que supõe uma multiplicidade de pontos de vistas como também diferentes usos do corpo por parte dos adeptos. Assim, a disciplina e o controle são negociados constantemente entre os jovens, e variam de acordo com envolvimento destes com os códigos de conduta. Essa relação de “subserviência” às regras do grupo se expressa de maneira mais incisiva nos recém-adesistas. Jovens nessa condição se destacam em relação aos demais em virtude de um comprometimento explícito com a filosofia de vida, que pode ser traduzido por uma crença exagerada nos valores que a fundamentam. A disciplina e o controle, dessa maneira, se tornam atributos que garantiriam aos recém-adeptos a possibilidade de reconhecimento entre os *straightedges* “experientes”, ao menos sob a perspectiva daqueles. Um dado interessante, e que expõe esse “desejo de reconhecimento” por parte destes, é que as tatuagens contendo mensagens devocionais que denotam entrega e compromisso com os valores que fundamentam esse estilo de vida, são feitas nos primeiros anos e, algumas vezes, nos primeiros meses, quando os jovens se encontram completamente imersos na novidade por eles acolhida, ou seja, quando se encontram mais *territorializados* pelos códigos de conduta grupal. Porém, diferente do que os apologistas da noção de identidade podem afirmar, a relação com esses códigos não é estanque, ou seja, não existe uma maneira específica de lidar com os mesmos. Logo, o jovem recém-adesista, pode, posteriormente, não apresentar traços de devoção explícita, e se *desterritorializar*, mesmo que as tatuagens inscritas no seu corpo insistam em nos mostrar o contrário. Por outro lado, também há aqueles que mesmo sem possuir tatuagens “denunciadoras”, podem apresentar uma maior

---

<sup>10</sup> O conceito de subjetividade aqui apresentado se afasta das noções mais usuais, pautadas pelas idéias de “interiorização” e “internalização”, como atestam algumas vertentes psicanalíticas e sociológicas que percebem a subjetividade como algo a ser preenchido. Assim como Guattari (2005) preferimos falar simplesmente numa produção de subjetividade. “Não somente uma produção de subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção de subjetividade social que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo”. (pg.22)



*territorialização* pelos códigos de conduta. Nesse sentido, os conceitos de *espaço liso* e *espaço estriado* desenvolvidos por Deleuze & Guattari (1997) podem nos oferecer pistas interessantes para compreender os processos de construção e desmanche desses territórios subjetivos. Espaços que não se opõem de forma decisiva, e que existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transmutado num espaço estriado; e o espaço estriado é constantemente convertido em espaço liso.

Às vezes bastam movimentos, de velocidade ou de lentidão, para recriar um espaço liso. Evidentemente, os espaços lisos por si só não são liberadores, mas é neles que a luta muda, se desloca, que a vida reconstitui seus desafios, afronta novos obstáculos, inventa novos andamentos, modifica os adversários. Jamais acreditar que um espaço liso basta para nos salvar (DELEUZE & GUATTARI, 1997:214).

Apesar dos processos de subjetivação serem incessantes, como bem explicita a citação acima, não se pode desconsiderar a idéia que atribui uma maior *territorialização* pelos códigos de conduta aos jovens que tatuam seus corpos com as insígnias que traduzem o *ethos* grupal. Desse modo, a tatuagem no universo straightedge pode expressar uma cristalização dos processos subjetivos, decorrente da diminuição do diálogo entre as formações territoriais instituídas (códigos de conduta) e as formações íntimas *desterritorializantes* - processos de *singularização* que recusam todos esses modos de codificação pré-estabelecidos.

### **Considerações finais**

A idéia de pensar as tatuagens sob uma perspectiva cartográfica, ou seja, sob uma perspectiva que enxerga nesses desenhos torções - ou para usar uma expressão de Deleuze (2009), dobras - decorrentes dos processos de subjetivação, pode oferecer contribuições significativas para a compreensão das práticas corporais no microcosmo juvenil. Penso que para desenvolvermos pesquisas no campo da Sociologia e Antropologia do corpo, devemos ter sempre em mente (e em corpo) a célebre indagação de Espinosa: “*Ninguém sabe de antemão o que pode um corpo*”. Pois ela

nos ajuda a entender que os corpos são feitos e desfeitos continuamente, e cabe a nós, pesquisadores, acompanharmos esse movimento sem perder de vista que tudo é uma questão de experimentação, ou melhor, de conexão entre os corpos e os afetos que os circundam.

### Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. (2003). “Subjetividades em deslize: da lógica da identidade aos fluxos de identificação”. In: \_\_\_\_; TRACY, Kátia Maria de Almeida . **Noites nômades**. Rio de Janeiro: Rocco.

ATKINSON, Michael. (2003). The Civilizing of Resistance: Straightedge Tatting. In: **Deviant Behavior: An interdisciplinary Journal**, 24: 197-220.

\_\_\_\_\_. (2006). “Straightedge bodies and civilizing processes”. In: **Body & Society**. Sage Publications (London, Thousand Oaks and New Delhi), Vol. 12(1): p.69-95.

BITTENCOURT, J.B.M. (2011) Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

BIRMAN, Joel. (2006) Tatuando o desamparo In: CARDOSO, Marta Rezende (Org). **Adolescentes**. São Paulo: Escuta.

CLASTRES, Pierre. (2003). **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify.

DELEUZE, G. (2009). **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas, SP: Papyrus.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1997). **Mil Platôs Vol. 4**. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. (1995). **Mil Platôs Vol 2**. São Paulo: Editora 34.

DIÓGENES, Glória. (2003). **Itinerários de corpos juvenis: o tatame, o jogo e o baile**. São Paulo: Annablume.

ELIAS, Norbert. (1992). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel.

FERREIRA, Vítor Sérgio (2007). Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o *Body Piercing* como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Etnográfica** Vol. 11, 2, 291-326.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. (2005). **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

GUMBRECHT, Hans. (1998). “O Campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação”. In: **Corpo e Forma – Ensaios para uma crítica não hermenêutica**. Rio de Janeiro: Eduerj.

HAENFLER, Ross. (2004). “Rethinking Subcultural Resistance: core values of the straightedge movement” in: **Journal of contemporary ethnography**, vol.33, nº4.

HEBDIGE, D. (1996). **Subculture: the meaning of style**. Londres: Routledge.

LE BRETON, David. (2003) **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas, SP: Papirus.

LEVI-STRAUSS, C. (2000). **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras.

MAFFESOLI, Michel. (2006). **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MAUSS, M. (2003). Noção de técnica de corpo in:\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: Cosac & Naify.

PERLONGHER, Néstor. (1988). “Territórios Marginais”. In GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SEEGER, Anthony. (1980). “O significado dos ornamentos corporais”. In **Os Índios e Nós. Estudos sobre sociedades tribais brasileiras**, Rio de Janeiro: Editora Campus.